

Natalia Timerman. *As pequenas chances*. São Paulo: Todavia, 2023. 204 p.

Roland Barthes, movido pela perda da mãe, Henriette Binger, constrói, no período de 26 de outubro de 1977 a 21 de junho 1979, o seu fragmentário *Diário de Luto*, feito de notas dispersas e breves que evocam a devoção e a dor dedicada à figura desaparecida, além de reflexões sobre o luto e a natureza do gênero diário. Como semiólogo, não ignora as implicações advindas do tecido excessivo contido na natureza linguística das palavras. Assim, como uma espécie de *Fragmento de um Discurso Amoroso* de caráter mais pessoal e sensível, esse diário revela que a morte, além do seu peso semântico, é repleta de simbolismos que revestem o caráter único desta experiência e recobrem a sucessão dos dias. O eu discursivo, ao vivenciar a primeira noite de luto, o regresso à casa vazia, a chegada da neve em Paris que, também pela primeira vez, verá sem a presença materna, passa, com receio da repetição, a ressignificar a dor inscrita em suas anotações. No decorrer dos dias, a percepção acerca da banalidade do luto permite que a reprodução dos rituais cotidianos seja, por fim, reelaborada. Este texto, “de onde vem a ideia de que a morte e a tristeza não são mais que banais” (p. 203), além de alguns outros, como *A Morte é um Dia que Vale a Pena Viver*, de Ana Cláudia Quintana Arantes, “Entre o *shtetle* e o gulag: vozes do judaísmo russo”, de Moacyr Scliar, *Os Anos*, de Annie Ernaux, e *O Arquivo das Crianças Perdidas*, de Valeria Luiselli, são referidos por Natalia Timerman, em seus agradecimentos, pela importância estrutural para a escrita de *As Pequenas Chances*.

Os dilemas de natureza socio-psíquica, que desde a estreia da autora se configuram como matéria primordial de sua escrita, reaparecem no romance *As Pequenas Chances*, publicado pela editora Todavia, em 2023. Articulados pela narrativa em primeira pessoa, muitos elementos retratados no enredo foram colhidos na própria biografia de Timerman, como a vivência do luto, advinda da morte de pai, Artur,

médico de ascendência judaica. Este evento desencadeou uma profunda imersão na cultura e história de seus antepassados.

Médica psiquiatra formada pela Unifesp, mestre em Psicologia e doutoranda em Literatura pela USP, Natalia Timerman, nascida em São Paulo em 1981, após a publicação de *Desterros: História de um Hospital-Prisão*, em 2017, um relato sobre o seu trabalho como médica psiquiatra no Centro Hospitalar do Sistema Penitenciário de São Paulo, estreou na ficção em 2019, trazendo ao público, pela editora Quêlônio, o livro de contos *Rachaduras*. Em 2021 é publicado pela Todavia o seu primeiro romance, *Copo Vazio*, que aborda a questão do *ghosting*, termo inglês adotado para nomear um comportamento característico dos relacionamentos contemporâneos, marcado pelo “desaparecimento” abrupto e sem explicação de um dos pares.

A linearidade temporal de *As Pequenas Chances* é interseccionada por analepses, que evocam os episódios finais da doença de Artur e os rituais judaicos que se seguiram ao período de luto. Estas memórias são suscitadas pelo encontro casual da narradora com o dr. Felipe, médico de cuidados paliativos que acompanhou a família durante a evolução do linfoma que vitimou o pai. O aeroporto internacional de Guarulhos é o espaço que abre romance e, dentro da perspectiva da viagem, inúmeros movimentos espaço-temporais se entrecruzam: a travessia da personagem principal, que assim como a autora também se chama Natalia, em direção à Romênia, e que se estende até a Ucrânia, propiciando o contato familiar com a origem de seus antepassados; o regresso da irmã Gabriela que, do alto mar, na costa africana, retorna a São Paulo para despedir-se do pai.

Embora *As Pequenas Chances* estabeleça um diálogo estrutural com o *Diário de Luto* barthesiano e a ficção de Timerman se espelhe em experiências biográficas, a criação literária, inspirada pela vivência da morte paterna e subsequente período de luto, organiza as três partes e o epílogo que configuram o romance. A primeira parte, dividida em trinta pequenos capítulos, abre-se no momento em que a narradora, enquanto aguarda a hora do seu embarque no aeroporto, reconhece o dr. Felipe. Este reencontro imprevisto, após transcorridos quatro anos da passagem de seu pai, é responsável por guiar a narradora por uma revisão memorialística da qual resgata, de forma sensível e reflexiva, os episódios que envolveram o diagnóstico e o tratamento paterno, a internação, a morte e a dor que permeou o tempo de luto. Ao reconhecer que “os

médicos têm milhares de pacientes, e os pacientes e seus familiares, apenas um médico em cada situação” (p. 13) são evidenciadas as peculiaridades que marcam a doença do pai, seguida pela sua morte, em uma família que, mesmo tendo a medicina como principal ocupação, sentiu profundamente as transformações decorrentes da perda de Artur.

A narradora, que admite não seguir a religião judaica à qual a sua família pertence, passa, a partir do falecimento do pai, que “morreu num sábado de manhã, às 9h43m, no Shabat” (p. 15), a reconhecer a sabedoria dos antepassados por terem criado os rituais que sucedem aos dias de luto e o seu valor dentro da tradição do judaísmo: “Achei bastante sábio da parte de meus ancestrais que houvesse regras a serem seguidas ao se chegar em casa do enterro de alguém tão próximo” (p. 31). A regulação do Shivá, que equivale a primeira semana de luto, produziu na narradora uma sensação inédita de amparo, não por Deus, mas pela religião e pelos antepassados para os quais a dor inédita que ela, neste momento, estava experimentando, era por eles há muito conhecida e, por isso, souberam inventar rituais a fim de “acolhê-la, amenizá-la, circunscrevê-la” (p. 16).

Nesta primeira parte do romance, portanto, a voz narrativa investe em apresentar as suas percepções acerca do processo de luto. O reencontro com o dr. Felipe reacende na memória de Natalia as impressões que permearam a passagem de seu pai, a forma como a sua ausência passou a se inscrever na existência da filha e como a sua vida foi reestruturada a partir desta perda. Nestes breves capítulos são apresentados ao leitor reflexões sobre o modo como a morte, a dor e o luto foram apreendidos pela narradora: “A morte, aprende-se com o luto, abre e fecha a verdadeira dimensão do tempo. Ou com o luto não se aprende nada” (p. 29); “O luto não é lógico, pelo menos nem sempre: uma situação banal pode disparar dores aparentemente desproporcionais. A vulnerabilidade não é previsível” (p. 64).

A segunda parte de *As Pequenas Chances* principia no momento em que Natália embarca no avião, com destino à capital da Romênia, a fim de encontrar o marido, Eder, o qual está em Bucareste acompanhando o filho mais velho, Benjamin, que partiu para participar das competições finais de uma olímpiada de Matemática. O filho menor, Jorge, também se encontra no país europeu, em companhia do pai e do irmão. No interior do avião, Natalia comunica à irmã, Gabi, o encontro inusitado com o dr. Felipe e, neste ponto em diante, a narrativa transcorre em forma de diário, no qual as

reminiscências da narradora recuperam a semana que antecedeu a morte de Artur, intercaladas com as reflexões da irmã que está distante, a bordo de um navio em alto mar. Nestes dias Gabi, engenheira naval que vivia no Rio de Janeiro, optou por comparecer a um importante compromisso de trabalho, que a levaria à costa de Camarões e a manteria fora do Brasil durante uma semana: “Os planos: partir sábado, chegar domingo, embarcar segunda no navio, trabalhar nele terça e quarta (a vida marítima de uma engenheira naval), desembarcar e começar a viagem de volta na quinta, chegar sexta no Rio de Janeiro, e sábado de manhã, São Paulo com o pai” (p. 71). Todavia, no momento em que o pai é internado as percepções da narradora, fortalecidas pela evolução da doença, levam-na a acreditar que Artur não sairia mais do hospital e, por essa razão, temendo que a irmã não visse mais o pai vivo, insiste para que ela retorne a São Paulo: “Ligou para a irmã, a voz dela vinha do hospital e chegava ao meio do oceano, explicando que o pai já não conseguia andar, já não conseguia quase nada, e ia deixando de conseguir cada vez mais, menos, volta (...)” (p. 80). Nesta segunda parte, dois fios condutores tensionam a narrativa, de modo que uma linha distende a evolução da doença de Artur e a expectativa iminente de sua morte, enquanto a outra descreve a longa e apreensiva viagem de retorno de Gabi, passando por inúmeras escalas, angustiada pelo medo de não chegar a tempo de rever seu pai com vida. O avião pousa em Guarulhos na véspera da passagem de Artur, que morreu enquanto recebia os cuidados desta filha: “Lembro-me da Gabi me contando, depois, meses depois, que foi ela quem fechou os olhos dele; e que ficou olhando a enfermagem olhar o banho se perguntando se elas não tinham percebido que já não era nosso pai, era apenas o corpo dele” (p. 127).

A terceira parte, introduzida por uma epígrafe de autoria de Moacyr Scliar – “Nós, judeus, não somos muito bons nessa aristocrática ocupação que é buscar ascendentes nas brumas do passado. Nossa árvore genealógica é sempre mirrada; um arbusto, como aquela sarça – verdade que ardente – da qual Deus falou a Moisés” –, realiza uma importante operação, a qual transcende o núcleo do “eu”, que rememora a perda do pai e a experiência individual desencadeada pelo luto, para uma tentativa de recuperar a memória coletiva, resgatando a ancestralidade. Logo ao chegar na Romênia, Natália recebe a notícia que o filho, Benjamin, não havia passado na eliminatória inicial

das olimpíadas de Matemática e, em virtude disso, os dias de viagem que haviam sido planejados para acompanhá-lo até o final da competição precisaram ser replanejados.

Natalia, embora tenha se absterido de praticar a religião judaica, admite admirar, sobretudo sob o viés intelectual e literário, a contribuição dos judeus para com a cultura universal e a construção do pensamento humano. Reconhece, também, a sua posição privilegiada por nunca ter sofrido nenhuma espécie de antissemitismo ou ter sido impedida de conseguir algo em decorrência de suas origens étnicas. Neste ponto, registra a sua dívida para com os antepassados, que migraram em busca de dignidade: “Provavelmente devo a eles e a todos os outros judeus que vieram antes de mim, que sofreram ou morreram ou conseguiram sobreviver, o conforto de existir sem ameaças por ser o que sou. Por nem sequer precisar pensar nisso” (p. 141).

A narradora alude à falta de interesse, ao ler pela primeira vez uma biografia da Clarice Lispector, pelos episódios históricos que antecederam ao nascimento da autora: “A primeira vez que comecei a ler a biografia, eu, que grifo compulsivamente os livros que leio, deixei quase em branco a descrição das condições da sua família antes e logo depois do seu nascimento, o que considero uma prova do desinteresse com relação a tudo isso que regeu a minha vida até bem pouco tempo atrás. Voltei ao livro recentemente, buscando nele não a história da origem de Clarice Lispector, mas a de minha família. Agora está todo grifado” (p.144-145).

Assim, durante os quatro dias remanescentes da viagem, antes do retorno previsto para o Brasil, Natalia, o marido Eder e os filhos, Benjamin e Jorge, conhecem um significativo território do leste europeu e investigam a história de seus antepassados judeus. Partindo de Bucareste, a família percorre, de carro, regiões da Romênia, atravessa a Moldávia e chega à Vinnytsia, na Ucrânia. No decorrer do trajeto, a paisagem se intersecciona à história e, embora seja impossível reconstituir, com precisão, o itinerário trilhado pelos antepassados, a narradora acessa inúmeras informações concernentes à origem de seus familiares, passando por cidades onde eles nasceram, chegando, inclusive, a recuperar em um arquivo a certidão de casamento de seus bisavôs.

À reflexão que encerra o livro, quando revive a lembrança do parto natural do filho mais novo, Jorge, a voz narrativa amalgama os elementos que revestiram as páginas de *As Pequenas Chances*. Na dor física, gerada pelas contrações do parto, Natalia sente-

se invocar, pela primeira vez, a presença de suas ancestrais: “Elas, minhas antepassadas, as mulheres que me antecederam, aquelas cujo sobrenome ficou perdido no silêncio da nossa história, que faziam, no entanto, o percurso da humanidade toda até aquela gravidez” (p. 195). A viagem, que operacionalizou a reelaboração do luto, o resgate às tradições e a busca pela história da família, é espelhada na imagem final, quando o olhar do avô contempla o neto recém-nascido, o que sugere o movimento desencadeado pelo suceder das gerações, celebrado entre a vida e a morte, a memória e o esquecimento.

O epílogo, configurado como uma carta dirigida à jornalista Thais, esclarece ao leitor o teor ficcional da viagem, apresentada na terceira parte do romance. Sem poder partir para a Ucrânia em 2020, em virtude da pandemia do coronavírus e, em 2022, devido à guerra, e, assim, colher no país onde viveram os seus antepassados as informações necessárias para a conclusão da escrita do livro, a narradora se vale dos dados e pesquisas fornecidas por Thais, com quem compartilha a ascendência ucraniana – “como se essa proximidade fosse alguma continuação, um prolongamento do fato de que seu avô e minha avó nasceram ambos no mesmo vilarejo na Ucrânia, Shargorod, e vieram para o Brasil no mesmo ano, 1926 (...)” (p. 199) –, para tecer o desfecho de seu enredo. Se o contexto da guerra, ao menos por enquanto, não permitiu que a narradora percorresse os lugares onde nasceram os seus ancestrais, mesmo assim ela admite não existir caminho de retorno e que o eco da imigração ainda faz sentido, pois “é preciso estar pronta para escutar as pequenas chances que o passado dá de ser visto por nós do presente, o futuro do que já foi” (p. 201).

Tatiana Prevedello

Doutora em Letras (UFRGS)